

O SIGNIFICADO DA SALVAÇÃO NA *HISTÓRIA ECLESIASTICA* DE EUSÉBIO DE CESARÉIA

*Prof. Dr. Vital Corbellini**

Resumo

Eusébio de Cesaréia procura realçar, no seu livro *História Eclesiástica*, a atuação salvífica de Nosso Salvador Jesus Cristo, através de seus discípulos, os cristãos. O desígnio divino, percebido como “economia”, realizou-se na história pela encarnação do Verbo. A análise dos primeiros dois livros coloca a realidade das provas e perseguições por que ela (a Igreja) teria que passar por causa de Cristo, mas ela não seria desamparada pela presença do Salvador, Jesus Cristo, no qual o cristianismo um dia seria vitorioso sobre o paganismo.

Palavras-chaves: Desígnio divino; perseguições; cristianismo.

Abstract

Eusebius of Caesarea tries to underwrite in his Ecclesiastical History the salvific aspect of our Lord Jesus Christ with the collaboration of his disciples. God's purpose, as economy, was achieved by the incarnation of the Logos. The two first books of this work show the reality of the Church: persecutions and other sufferings on account of Christ. At the end the presence of our Lord will guarantee the victory of the Church.

Key words: Divine purpose; persecutions; christianism.

* Doutor em Teologia e Ciências Patrísticas, Professor na FATEO – PUCRS.

Introdução

Cícero dizia que a “a história é testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira do passado”¹. A história é a mestra da vida; é aquela que ensina algo da existência passada que outros viveram e atuaram; hoje nós herdamos resultados permeados com desafios e esperanças para serem encarados com espírito de fé e de amor. Ela faz-nos conhecer as coisas acontecidas, dá-nos impulsos para o futuro e possibilita-nos agir bem no presente. Se a história humana concebe esses aspectos, aquele e aquela que têm fé lêem os acontecimentos para além do humano e do histórico, a partir do alto, do olhar de Deus. A história não acontece por si em uma forma isolada entre as pessoas ou povos; ela vai ser considerada como um desígnio divino que permeia os acontecimentos. A salvação, o grande dom que Deus pode dar ao ser humano, possui uma ligação com a ação humana, através de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade. Na história, de fato, é atuante o desígnio de Deus para a salvação dos homens². O Espírito de Deus soprou nos apóstolos e na Igreja primitiva e sopra ainda hoje, para que homens e mulheres vivam, como no passado, o evangelho do Salvador, Jesus Cristo, em qualquer tempo e lugar da história. Faremos uma análise do significado salvífico, nos primeiros dois livros da obra *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesaréia.

¹ Cf. CICERONE, *Dell'Oratore, Libro II, 9*, a cura di A. PACITTI. Bologna: Zanichelli editore, 1988: “Historia testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis”.

² Cf. P. SINISCALCO, “Historiografia Cristã”. In *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs (DPAC)*, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, Paulus, 2002, p. 689.

1 O sentido do relato dos acontecimentos

Com Eusébio de Cesaréia, iniciou-se um gênero literário importante nos Padres da Igreja: a elaboração histórica das comunidades cristãs. Tendo diversas redações, a sua obra narra a história eclesial até à primeira metade do século IV, a vitória de Constantino sob Licínio, em 324, em Crisópolis, que deixava-o (Constantino) como único Imperador do Império³. Ainda que haja carências, como parcialidades de julgamento das coisas, a obra tem qualidades indiscutíveis, como a aproximação do leitor a textos e documentos até então desconhecidos, o fornecimento de informações preciosas sobre a história da Igreja primitiva, as sucessões episcopais, as perseguições, os mártires e os hereges⁴.

Ele tem presente, desde o início de sua obra, que o decurso dos acontecimentos foi feito por pessoas que lutaram contra o cristianismo, a Igreja, o povo de Deus, que tentaram dizimá-los, introduzindo, não só uma falsa ciência⁵, mas recusando o próprio cristianismo, desencadeando perseguições que provinham dos judeus e dos pagãos contra os cristãos, havendo derramamento de sangue de muitas pessoas, homens e mulheres. Se algumas pessoas assumiram esse comportamento em relação ao cristianismo e à Igreja, outros lutaram a seu favor, vivendo a palavra do evangelho de Cristo, governaram com destaque as dioceses; pessoas ilustres, bem como aqueles que anunciaram a Palavra de Deus a outros povos. Tudo isso possibilitou a realização de uma economia superior, aquela de Nosso Salvador Jesus, o Cristo de Deus. A sua presença possibilitou o desenvolvimento das verdades ocultas, sendo conhecidas, na história salvífica, pelo Deus

³ Cf. M.F. PATRUCCO, “Licínio”. In *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs (DPAC)*, p. 831.

⁴ Cf. C. CURTI, “Eusébio de Cesaréia (Palestina)”. In *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs (DPAC)*, p. 537.

⁵ Cf. EUSÉBIO DE CESARÉIA, *História Eclesiástica*, I,1,1. São Paulo: Paulus, 2000.

Salvador que entrou na história humana, dando início também a uma outra história, a eclesial.

O nosso historiador focaliza uma meta para ser alcançada; com o escrito sobre a história da Igreja, as coisas, que se sucederam até ao momento, a recordação e descrição dos apóstolos de Nosso Salvador nas Igrejas atualmente rememoradas, necessitam de uma elaboração, a fim de que nada seja perdido do passado em vista do presente, e para perceber a atuação salvífica de Deus em Jesus Cristo. Nenhum escritor cristão elaborou algo criterioso nesse sentido; ele manifesta confiança de que, através dos ensinamentos da história, o fiel perceba a atuação salvífica de Deus na própria história.

2 A presença do Salvador, Jesus Cristo; sua preexistência e realização da economia divina

O bispo Eusébio colocou como centro do desígnio salvífico de Deus Jesus Cristo, o Salvador. Nele todas as coisas se congregam, se unem e ganham sentido, em vista da existência humana. Ele se utiliza de duas expressões importantes: economia e teologia. A economia foi um dos termos e temas bastante desenvolvidos pelos Padres da Igreja e escritores cristãos da Antiguidade, visando especificar o plano salvífico de Deus o qual teve o seu início pela encarnação do Verbo e realizado plenamente na paixão, morte e ressurreição do Senhor. O termo tomou um sentido soteriológico, encerrando, dessa forma, as disposições divinas decididas na eternidade e realizadas no tempo histórico, em vista da salvação do ser humano⁶. Teologia referia-se ao mistério divino em si, à doutrina trinitária, às relações entre as pessoas. No fundo tratava-se de dois termos interligados na doutrina dos Padres e também de Eusébio: o Deus Uno e Trino e a salva-

⁶ Cf. B. STUDER, “Economia”. In *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs (DPAC)*, p. 442-443.

ção baseada sobre o Filho de Deus feito homem, aspectos que constituem a centralidade da vida cristã. Essas verdades de fé consistem no final na participação da vida eterna da Trindade que foi comunicada em Jesus Cristo⁷.

A história da Igreja tem como ponto de partida o projeto de Deus no seu Filho, a economia de Cristo que vem do alto e é plenamente divina⁸. Os fiéis têm a honra de se chamarem cristãos⁹. A natureza do Verbo é dúplice; a divina, porque vem do Pai, comparada à cabeça no corpo (cf. *1 Cor* 11,3); a outra é humana, pela qual ele assumiu a nossa natureza passível para conduzir o ser humano à salvação e à redenção. As duas naturezas estão presentes no Verbo encarnado. Decorrente da doutrina cristológica, o cristianismo não é obra humana, porque Cristo é o seu fundador, a cabeça de tudo. Ele vem de Deus, porque conhece o Pai e dele recebeu a geração eterna, possibilitando, dessa forma, um novo culto à humanidade.

O historiador afirma sobre o Verbo a sua preexistência antes dos séculos e que ele vive em princípio junto de Deus Pai. Ele é anterior à criação; ele é criador do universo junto com o Pai; é o Filho Unigênito de Deus, Senhor de todas as criaturas. Nesse sentido, ele segue João; no princípio era o Verbo e o Ver-

⁷ Cf. B. STUDER, *Dio Salvatore nei Padri della Chiesa*. Roma: Borla, 1986, p. 10.

⁸ Os arianos negavam a divindade do Verbo. Ario dizia que o Filho foi a primeira criatura do Pai. Segundo este autor, o Filho não podia conhecer todos os segredos do Pai. Se ele fosse Deus como o Pai é Deus, haveria dois princípios em Deus, duas essências, enquanto o cristão acredita num único Deus. A doutrina ariana foi condenada em 325, pelo Concílio de Nicéia. Ainda que Eusébio simpatizasse com Ario, ele não aceitava o ponto principal de sua heresia que o Filho estivesse ao lado das criaturas, mas sim ao lado do Criador. Cf. M. SIMONETTI, “Ario – Arianismo”. In *Dicionário Patrístico e de Antigüidades Cristãs (DPAC)*, p. 149-153.

⁹ Cf. EUSEBIO DI CESAREIA, *Storia Ecclesiastica*/1, I,1,7. Introduzione a cura di F. MIGLIORE. Traduzione e Note Libri I-IV a cura di S. BORZÌ. Roma: Città Nuova, 2001.

bo era Deus; toda coisa foi criada por meio dele, e sem ele nada foi feito (cf. *Jo* 1,1-3). Eusébio descreve a criação humana pelo poder do Verbo de Deus e Criador: “Façamos o homem à nossa imagem semelhança” (*Gn* 1,26). Ele fala de suas aparições no AT, em Abraão e também em Jacó o qual disse: “Vi Deus face a face e a minha alma foi salva” (*Gn* 32,31). O Verbo do Pai se manifestou também a Moisés e a Josué onde se dizem coisas semelhantes: “Tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde estás é sagrado” (*Ex* 3,4-6; *Js* 5,13-15)¹⁰. Moisés, segundo Eusébio, previu, por inspiração do Espírito Santo, o desígnio divino pelo nome de Jesus, ignorado aos homens, antes que viesse ao conhecimento de todos¹¹. Os profetas posteriores a Moisés prenunciaram a presença de Cristo, em suas profecias. Sacerdotes e reis tornaram-se suas imagens (de Cristo), enquanto carregavam, na sua mesma pessoa, os sinais do Verbo de Deus que reina sobre todas as coisas. Os profetas, em virtude da unção, tornaram-se simbolicamente cristãos, a fim de estarem em comunhão com o Verbo divino, sendo ele o sumo profeta entre os profetas enviados por Deus Pai¹². Um dado fundamental compreende-se sobre o Verbo, Senhor Jesus Cristo e Salvador, que ele não se manifestou, mas nele as coisas proclamadas foram realizadas.

Salomão falou da sabedoria divina que criou as coisas e esta estava sempre junto de Deus (cf. *Pr* 8,22-25). Assim o Verbo, preexistente ao mundo, apareceu a alguns, dando-lhes as forças para continuarem o anúncio de sua palavra¹³. No entanto, a sua vinda era aguardada por muitos: com o tempo, o Verbo se encarnou por causa do pecado humano: ele entrou na realidade humana, para salvar a todos de suas maldades e pecados. Ele apareceu em forma humilde, de Filho do Homem, figura já anun-

¹⁰ Cf. *Idem*, I,2,12-13.

¹¹ Cf. *Ibidem*, I,3,3.

¹² Cf. *Ibidem*, I,3,7-9.

¹³ Cf. *Ibidem*, I, 2, 16.

ciada no AT, em *Dn* 7,13-14, o qual tem na terra poder de perdoar o pecador (cf. *Mc* 2,10). Tais palavras do profeta Daniel eram dirigidas a nosso Salvador, o Verbo de Deus, que era no princípio e estava junto dele, mas ele foi chamado de Filho do Homem, em virtude de sua encarnação¹⁴.

3 A nova religião

Eusébio afirma que a nova religião tem fundamento e ensinamento: a pessoa do Salvador, Jesus Cristo. Ele não proveio de um homem comum, mas do alto, da realidade divina. Ele veio conceder a salvação a todos. Revelando o desígnio divino de Deus Pai em Jesus Cristo, para o bem da humanidade, veio reunir também as ovelhas perdidas e manifestou o desígnio salvífico em meio ao povo de Israel. Se esse povo tinha como ponto referencial Abraão, pessoa que acreditou em Deus, como diz a Escritura, isso foi contado como justiça (cf. *Gn* 15,6)¹⁵. A ele Deus se manifestou; este era o mesmo Cristo, o Verbo de Deus naquelas palavras da bênção sobre todos os povos da Terra (cf. *Gn* 22,18; 18,18). Tudo isto foi cumprido por nós; ele foi justificado, em virtude da sua fé em Cristo, Verbo de Deus, que a ele apareceu, confessando a sua fé no único Deus do Universo¹⁶.

Eusébio fala que a nova religião não é estrangeira¹⁷, porque, se ela tem os seus fundamentos nos patriarcas, profetas, ela possui a sua plenitude na vinda de Jesus Cristo. O seu ensinamento liga o ser humano a Deus. Na realização da economia divina na história, aconteceu o nascimento de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade. Conforme o evangelista Lucas (cf. *Lc* 2,1-7), sob o Imperador César Augusto, Quirino, Governador da Sí-

¹⁴ Cf. *Ibidem*, I, 2, 26.

¹⁵ Cf. *Ibidem*, I, 4, 11.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, I,4,13.

¹⁷ Cf. *Ibidem*, I, 4,15.

ria. Ele nasceu em Belém de Judá, como tinha sido anunciado pelos profetas (cf. *Mq* 5,1), o Salvador e Senhor Nosso, Jesus Cristo¹⁸. Junto aos judeus, Herodes era o rei deles; justamente a eles deu-se a manifestação de Cristo, a salvação e, conseqüentemente, a chamada dos povos, realizando-se no nascimento de Jesus Cristo, pelo qual a história seria beneficiada com o enviado do Pai.

Na versão dos evangelhos, a respeito da genealogia do Salvador, há inexatidões, quanto às gerações, porém, para Eusébio, tanto Mateus como Lucas estão corretos, porque quiseram realçar a natureza humana do Verbo de Deus. Se Mateus diz que Jacó gerou José (cf. *Mt* 1,16), Lucas afirma que Jesus era filho de José, de Eli e de Melqui (cf. *Lc* 3,23-24). Eusébio lia um aspecto importante nas gerações anteriores colocadas pelos evangelhos. O desígnio da vinda do Salvador a este mundo deveria ocorrer onde houvera uma preparação pela qual a realidade humana era a beneficiada. Se a salvação deveria provir do alto, da natureza divina, as gerações humanas, anteriores a ele, contribuíram para acolher o Messias, o Filho de Deus, porque ele deveria nascer dentro de um povo.

Assim Eli gerou José, que casou com Maria, sendo os dois da mesma tribo, porque a lei proibia as núpcias entre membros de tribos diferentes. O Salvador nasceu em Belém, conforme as Escrituras (cf. *Mq* 5,1), na realidade humana, no quadragésimo segundo ano do reinado de Augusto no poder. Ele foi reconhecido pelos reis magos que vieram do Oriente para adorá-lo. Herodes ficou perturbado pela notícia dos magos, porque esses chegaram a Jerusalém solicitando a ele onde deveria nascer o Salvador e rei da humanidade; ele ficou com medo do menino, não pela coisa em si, mas porque o seu reino andaria às ruínas e ele perderia o cargo de rei¹⁹. Assim ele mandou matar todos os

¹⁸ Cf. *Ibidem*, I,5,2.

¹⁹ Cf. *Ibidem*, I, 8,1.

meninos até dois anos de idade, pensando de ter matado, entre esses, o Salvador da humanidade (cf. *Mt* 2,1-18)²⁰. Eusébio tem presente um final de vida infeliz de Herodes, conturbado, sofrido, ponto retomado por Flávio José, uma vez que esse era também historiador²¹. Muitos diziam que eram castigo todos aqueles sofrimentos, por ter-se insurgido contra os meninos de Belém e contra o Salvador da humanidade.

Se é na história que o Salvador tem a sua atuação, essa aconteceu em um determinado tempo histórico. O historiador fala, conforme Lucas, no décimo quinto ano do reinado de Tibério Augusto. No quinto ano de Pilatos, como Governador da Judéia, o Salvador e Senhor Nosso Jesus, o Cristo de Deus, com a idade de trinta anos, recebeu de João Batista o batismo no qual iniciou a sua missão (cf. *Lc* 3,1-3)²².

Segundo Eusébio, a Sagrada Escritura coloca o tempo de sua pregação como enviado do Pai na vida pública: essa foi de três anos, um pouco mais, um pouco menos, decorridos entre os sumos sacerdotes Anás e Caifás, conforme o livro de Flávio José²³. Os relatos evangélicos falam que a paixão de Nosso Salvador teve lugar no pontificado de Caifás, como sumo sacerdote (cf. *Mt* 26,3-5; *Jo* 11,49)²⁴. Dessa forma, pela Escritura e pela observação precedente do historiador judeu, deduz-se, segundo o nosso autor, que o tempo da missão de Cristo foi de 3 a 4 anos.

O Salvador não trabalhou sozinho no anúncio do Reino de Deus; ele escolheu doze pessoas entre a multidão, que chamou de apóstolos, os quais fizeram uma experiência de vida com ele, para, depois, serem os seus enviados às nações; ele escolheu também setenta e dois discípulos e os mandou pregar dois a dois o evangelho e a doutrina do amor de Deus (cf. *Lc* 10,1). Logo em

²⁰ Cf. *Ibidem*, I,8,1.

²¹ Cf. *Ant. Judaicas*, XVIII,168-170; cf. *Ibidem*, I 8, 8.

²² Cf. *Ibidem*, I, 10,1.

²³ Cf. *Ant. Judaicas*, XVIII, 34-35; cf. *Ibidem*, I, 10,5.

²⁴ Cf. *Ibidem*, I, 10, 6.

seguida, Eusébio coloca a missão de João Batista, que preparara os caminhos do Senhor com um batismo de conversão, para o perdão dos pecados, e a sua morte, sendo mártir, por denunciar a união de Herodes com Herodíades, a mulher que ele roubou de seu irmão Filipe (cf. *Mc* 6,14-29). O próprio Flávio José reconheceu-o (João Batista) como homem justo.

Eusébio coloca em seguida a consideração do historiador judeu a respeito do Nosso Salvador: “Nesta época, viveu Jesus, homem sábio, se convém dar-lhe a denominação de homem. De fato, era autor de milagres, mestre dos homens, que aceitavam de bom grado a verdade, e atraiu numerosos judeus e também muitos gregos. Esse era o Cristo, que sob denúncia dos nossos notáveis foi condenado à morte por Pilatos. Mas aqueles que o amavam desde o princípio não cessaram de fazê-lo; a estes, de fato, apareceu de novo vivo no terceiro dia, conforme haviam predito os profetas de Deus, que preanunciaram também mil outras maravilhas a seu respeito. E ainda hoje, existem aqueles que, por seu nome, se chamam cristãos”²⁵. Flávio José dá uma bonita descrição do Salvador Jesus Cristo em meio ao seu povo. Ele tem presentes os seus milagres, o contato com as pessoas, a revelação de Deus na sua pessoa e a ação dos seus seguidores, os cristãos.

Se os nomes dos apóstolos do Salvador são conhecidos, através dos evangelhos, um catálogo dos setenta e dois discípulos é inexistente; no entanto, presumem-se alguns componentes desse grupo, como Barnabé (cf. *At* 4,36; *Gl* 2,1; 9,13) e Sóstenes (cf. *1 Cor* 1,1). Conforme este historiador, os discípulos do Senhor eram mais de setenta, porque, segundo Paulo, Jesus ressuscitado aparecera, não só a Pedro e aos doze, mas ele se deixou ver para mais de quinhentos irmãos em uma única vez (cf. *1 Cor* 15,5-6)²⁶.

²⁵ *Ant. Judaicas*, XVIII,63-64; *Ibidem*, I,11,7-8.

²⁶ Cf. *Ibidem*, I, 12,4.

Eusébio tem presente a carta do rei Abgar, de Edessa, da Mesopotâmia, ao Senhor, quando ele ainda estava anunciando o Reino de Deus junto ao povo da Palestina. Ele ouvira falar de Jesus, de seus prodígios, curas e sinais que realizara entre os seus. Nessa carta, o rei reconhece a divindade do Salvador, Nosso Senhor, o seu poder de fazer milagres, que atraía muitas pessoas, seja da Galiléia, seja de outras regiões e povos. Abgar, atingido por uma terrível doença e dada como incurável pelos médicos, enviou uma carta a Jesus, segundo Eusébio, pois ouvira falar de seu poder milagroso, convidando-o, para que o Senhor fosse até ele, para curá-lo e os doentes de seu reino. A carta, que é um apócrifo, do século III, contém a resposta de Jesus, onde o Cristo considera-o como bem-aventurado por acreditar nele, sem tê-lo visto. Na carta, Jesus fala que foi enviado para levar ao cumprimento todas as coisas entre os homens e ele retorna ao Pai, àquele que o enviou. Uma promessa é feita por Jesus ao rei; nessa carta, após a ascensão, será enviado um de seus discípulos para curar a sua doença e a de seus caros. Como diz o texto, Judas, dito também Tomé, mandou a Abgar Tadeu, um dos discípulos que fazia parte dos setenta e dois; foi até o seu reino e ali fez grandes prodígios junto ao povo, curando a doença do rei e de sua família²⁷.

4 A atuação salvífica do Salvador através de seus discípulos

Eusébio tem presente a vida dos discípulos, a sua atuação acontecida, após a ascensão do Senhor e Pentecostes. O desígnio salvífico do Senhor Jesus prolonga-se pelos seus discípulos. Ele

²⁷ Cf. *Ibidem*, I, 13, 6-22. Eusébio, no livro dois, relata os feitos prodigiosos de Tadeu em Edessa, não só pelos milagres realizados, mas ele fez discípulos, conduzindo-os a viverem o ensinamento do Salvador. Cf. EUSEBIO DI CESAREIA, *Storia Ecclesiastica*/1, II, 1,6.

fala que Tiago, considerado o justo, governara por primeiro a Igreja de Jerusalém²⁸, mas também foi o primeiro a sofrer o martírio entre os apóstolos. Houve também o martírio de Estêvão, a perseguição de Herodes contra a Igreja de Jerusalém, a todos os discípulos do nosso Salvador, a dispersão dos mesmos na Judéia e na Samaria²⁹.

O historiador traz presente o dado de que Paulo trazia ruínas à Igreja. Entrava nas casas e mandava prender homens e mulheres e colocava-os na prisão (cf. *At* 8,3)³⁰. Ele realça também a missão de Filipe, diácono, sendo o primeiro a pregar a Palavra de Deus na Samaria. A graça divina agia nele, a ponto de arrastar muitas pessoas a Cristo. Simão Mago, considerado poder de Deus, ficou impressionado com Filipe, pelos seus milagres e ações maravilhosas, tanto é que ele infiltrou-se entre os cristãos e fingiu aceitar a fé em Cristo, fazendo-se batizar (cf. *At* 8,5-13). Pedro encarou-o de frente, quando ele queria dar dinheiro aos apóstolos para assim comprar o dom da imposição das mãos e, conseqüentemente, curar as pessoas; ele percebeu a sua maldade e mandou-o embora, para longe, tanto a ele como o dinheiro dele (cf. *At* 8,18-23).

Um desígnio divino, segundo Eusébio, fez com que um ministro da rainha da terra dos etíopes aderisse à doutrina do Salvador (cf. *At* 8,26-29). Ele tornou-se participante dos mistérios da Palavra de Deus, fazendo-se, dessa forma, proclamador, na sua pátria, do Senhor do universo e da vinda do nosso Salvador³¹. Contemporaneamente, Paulo foi designado Apóstolo, não por homens, mas pela revelação de Jesus Cristo e de Deus Pai que o chamou em uma visão, acompanhado por uma voz celeste (cf. *At* 9,1-9)³².

²⁸ Cf. *Idem*, II,1,3.

²⁹ Cf. *Ibidem*, II,1,8.

³⁰ Cf. *Ibidem*, II,1,9.

³¹ Cf. *Ibidem*, II,1,13.

³² Cf. *Ibidem*, II, 1,14.

Nesse tempo, Pilatos relatou os últimos acontecimentos da Palestina ao Imperador Tibério, referentes à ressurreição dos mortos do nosso Salvador Jesus, e que ele era Deus, segundo o relato de Pilatos ao Imperador. Segundo Tertuliano, do qual Eusébio tomou referências, o Imperador teria dado a aprovação de Cristo como Deus e da sua religião, a cristã, no Império romano. Porém, o senado não aprovou tal notícia e culto³³.

No entanto, para Eusébio, a divina Providência, a economia que veio do alto, concedeu uma disposição de ânimo àquele Imperador, para que a palavra do evangelho de Cristo fosse divulgada, em muitas partes da Terra, sem impedimento por sua parte³⁴. Assim, a palavra do Salvador foi anunciada aos homens, com a ajuda da força celeste e, como um raio de luz, propagou-se nos diversos cantos do mundo antigo. As Igrejas se encheram de fiéis, e muitas pessoas abandonaram as superstições da idolatria, sendo libertadas da força potente e salvadora de Cristo, através de seus discípulos³⁵. Deixando de lado o politeísmo, eles começaram a acreditar na existência de um só Deus, Criador do universo, assumindo os preceitos da verdadeira religião, o cristianismo, comunicada pelo ensinamento do nosso Salvador à vida dos homens. Cornélio é um dos exemplos dessa adesão, pois, sendo comandante da Legião romana em Cesaréia (cf. *At* 10,1-33), foi um dos primeiros, por parte dos pagãos, a abraçar a fé em Cristo com toda a sua família. Depois, em Antioquia, surgiu o nome de cristãos com uma impetuosidade rica e virtualmente forte (cf. *At* 11,26)³⁶.

Outros dados são colocados pelo nosso historiador, como a existência dos profetas na Igreja de Jerusalém, a perseguição contra Estêvão (cf. *At* 11,19-26), Ágabo, que profetizou a fome

³³ Cf. TERTULLIANO, *Apologetico*, 5,1-2, a cura di A.R. BARRILE. Verona: Oscar Mondadori, 1994. Cf. *Ibidem* II,2,2-6.

³⁴ Cf. EUSEBIO DI CESAREIA, *Storia Ecclesiastica*/1, II, 2,6.

³⁵ Cf. *Ibidem*, II,3,1-2.

³⁶ Cf. *Ibidem*, II, 3,3.

em Jerusalém e a ajuda de Paulo e Barnabé àquela Igreja (cf. *At* 11,27-30). Houve também a prisão perpétua de Herodes, por ordem de Gaio, que sucedeu a Tibério, rei no tempo da paixão e morte do nosso Salvador³⁷, e as diversas desgraças sobre o povo judeu, pela recusa da acolhida do Salvador, Cristo Jesus³⁸. Ele fala também do martírio de Tiago, irmão de João, sob o rei Herodes. E como isso agradava o povo judeu, prendeu também Pedro, mas esse foi libertado milagrosamente pelo anjo do Senhor das cadeias; esse era o desígnio de Deus sobre Pedro (cf. *At* 12,3-17)³⁹.

Se, através de seus discípulos, a doutrina do Salvador e Senhor Jesus Cristo difundira-se entre os povos e nações, o inimigo da salvação tentava barrar esse anúncio, em novas terras, na Capital do Império. Eusébio tem novamente presente a ação de Simão Mago, considerado pelos Padres como o pai de toda heresia, que, após Antioquia, dirigiu-se a Roma, conquistando público, súditos com as suas artes mágicas, de modo a tornar-se inimigo da salvação humana⁴⁰. O historiador coloca exortações contra Simão, já ditas por Justino⁴¹ e por Ireneu⁴².

No desígnio da salvação, em relação aos discípulos do Senhor, Eusébio fala também da elaboração dos escritos evangélicos, como o de Marcos, que, em Roma, elaborou o texto a respeito do Salvador Jesus Cristo que viveu na Palestina. Pedro se alegrou no Espírito, pelo seu zelo e aprofundamento dos argumentos e concordou com a leitura do texto evangélico nas diversas igrejas de então. Depois, Marcos foi mandado para o Egito e

³⁷ Cf. *Ibidem*, II, 4,1.

³⁸ Cf. *Ibidem*, II, 6,3.

³⁹ Cf. *Ibidem*, II, 9,4.

⁴⁰ Cf. *Ibidem*, II, 13,3-4.

⁴¹ Cf. JUSTINO DE ROMA, *I Apol.* 26,1-3. São Paulo: Paulus, 1995. Cf. *Ibidem*, II,13,4.

⁴² Cf. IRENEU DE LIÃO I, 23,1-4. São Paulo: Paulus, 1995. Cf. *Ibidem*, I,13,5.

foi o primeiro a difundir o evangelho naquelas terras e a instituir igrejas em Alexandria. Graças à sabedoria e ao zelo do seu modo de vida, aumentou o número dos fiéis cristãos, homens e mulheres⁴³.

Eusébio tem presente a comunidade primitiva na qual os fiéis vendiam os seus bens, ajudavam os mais necessitados, para que todos fossem bem-atendidos. As pessoas entregavam as suas rendas e havia a distribuição de alimentos, segundo a necessidade de cada um (cf. *At* 2,45; 4,34-35).

No final do II livro da *História Eclesiástica*, o historiador fala de Paulo, que, sendo prisioneiro sob Festo⁴⁴ e havendo processo contra ele, foi enviado para Roma como prisioneiro e para ser julgado. É quase certo que em Roma ele elaborou a Segunda Carta a Timóteo, onde previa o seu fim, sendo iminente a sua partida dentre os seus (cf. *2 Tm* 4,6). Lá pelo ano 62, aconteceu o martírio do outro Tiago, o justo; ele foi levado em meio à multidão para o julgamento, para que ele negasse a fé em Cristo. Contra as expectativas de todos, ele afirmou, com voz firme, a sua fé no Salvador e Senhor Nosso Jesus Cristo, o Filho de Deus. Quando a multidão ouviu falar dessas coisas, se lançou contra ele e ele foi levado até ao alto do templo, onde foi jogado para baixo e insultado até à morte⁴⁵. Ele estava freqüentemente no templo, rezando pelo povo. Converteu muitos judeus, fariseus e escribas, ao afirmar que Jesus é o Cristo, o Ungido do Pai e Salvador da humanidade.

Ele fala também do martírio dos apóstolos Pedro e Paulo, sob Nero, acontecido lá pelo ano 64 d.C., o primeiro Imperador que perseguiu os fiéis da fé cristã⁴⁶, sendo que Paulo foi decapitado e Pedro crucificado. Os seus túmulos estão em Roma; quem

⁴³ Cf. EUSEBIO DI CESAREIA, *Storia Ecclesiastica*/1, II,16,1-2.

⁴⁴ Ele foi Governador da Judéia nos anos 60-62.

⁴⁵ Cf. *Idem*, II,23,12-18.

⁴⁶ Cf. TERTULLIANO, *Apologetico*, 5,1-2. Cf. EUSEBIO DI CESAREIA, *Storia Ecclesiastica*/1, II,22,4-5. Cf. *Ibidem*, II,25, 3.

dá esse testemunho foi o eclesiástico Gaio, que viveu no tempo de Zeferino, bispo de Roma (199-217), afirmando que os seus troféus, os túmulos dos dois apóstolos, estão um no Vaticano e o outro na Via Ostiense, sendo eles os fundadores de tal Igreja⁴⁷.

Segundo Eusébio, Dionísio, bispo de Coríntios, na sua Carta aos Romanos afirmava que esses uniram Pedro e Paulo numa única ocasião por causa de sua morte, sendo duas plantas fortes que deixaram marcas tanto em Coríntios como em Roma; os dois apóstolos sofreram o martírio no mesmo tempo⁴⁸.

Conclusão

Eusébio teve presente, ao elaborar a obra *História Eclesiástica*, a realização do desígnio divino nos acontecimentos humanos e eclesiais, através de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade. Nele todas as promessas da Sagrada Escritura, preditas pelos patriarcas e profetas, foram cumpridas; ele veio a este mundo para dar ao ser humano a vida, a alegria, a salvação. Com ele, a criatura foi renovada, recriada de seu nada por causa de seu pecado. Com ele, iniciou-se uma nova forma de percepção das coisas, sobretudo pela reconciliação do ser humano com Deus, através da sua paixão, morte e ressurreição.

O Salvador teve seguidores, discípulos, chamados apóstolos, que estavam com ele, procurando aprender o seu modo de vida, para que assim eles fossem, após a sua ascensão e Pentecostes, proclamadores do evangelho do Salvador no mundo. A nova doutrina e pessoa (o cristianismo) encontrou adesões, seja do povo simples, como também pessoas com muita influência na sociedade. Eusébio tem presentes as rejeições, por parte do povo da aliança e também dos pagãos, as perseguições, as mortes de muitos cristãos, homens e mulheres, que procuraram viver a dou-

⁴⁷ Cf. EUSEBIO DI CESAREIA, *Storia Ecclesiastica*/1, II,25,7.

⁴⁸ Cf. *Idem*, II, 25,8.

trina e a mensagem de Nosso Salvador. No entanto, a história eclesial se realiza no mundo das pessoas, porque a presença de Deus é a força de animação das comunidades e fiéis, que celebram a ressurreição do Senhor e se reúnem para celebrar a eucaristia. Em cada momento histórico, o desígnio salvífico do Senhor, pelo Espírito Santo, acontece pelas pessoas que procuram viver o evangelho do Nosso Salvador e anunciam aos outros que Jesus é o Filho de Deus e o Filho do Homem, vindo a este mundo para resgatar a todos.